



DASartes.

ARTES VISUAIS EM REVISTA

MAXWELL ALEXANDRE

GEORGES BRAQUE

MAX KLINGER

KRIS MARTIN

MARJÔ MIZUMOTO





dasartes.

**EM JANEIRO E FEVEREIRO DE 2021
A ESCOLA DASARTES APRESENTA
NOVOS CURSOS DA SÉRIE 20 ARTISTAS:**

**20 ARTISTAS DO HEMISFÉRIO
SUL E ORIENTE**

**20 ARTISTAS MODERNOS
INTERNACIONAIS**

- **INSCREVA-SE EM [DASARTES.COM.BR](https://dasartes.com.br)**
- **OU APENAS R\$ 208 MENSAIS NO
FORMATO ASSINATURA RECORRENTE**

escola@dasartes.com.br



DASartes.

DIRETORA
Liege Gonzalez Jung

CONSELHO
EDITORIAL
Agnaldo Farias
Artur Lescher
Guilherme Bueno
Marcelo Campos
Vanda Klabin

EDIÇÃO . REDAÇÃO
André Fabro
andre@dasartes.com

MÍDIAS SOCIAIS . IMPRENSA
Leandro Fazolla
dasartes@dasartes.com

DESIGNER
Moiré Art
moire@moire.com.br

REVISÃO
Angela Moraes

PUBLICIDADE
publicidade@dasartes.com

SUGESTÕES E CONTATO
info@dasartes.com

VERSÃO IMPRESSA
assinatura@dasartes.com

Doe ou patrocine
pelas leis de incentivo
Rouanet, ISS ou CMS/RJ



Capa: **Maxwell Alexandre**,
Um cigarro e a vida pela
janela (diss), 2019.
Foto: Gabi Carrera.



Contracapa: **Max Klinger**,
Selbstbildnis im Atelier in
Karlsruhe, 1874
Foto: © InGestalt/
Michael Ehrhrt

GEORGES BRAQUES 10

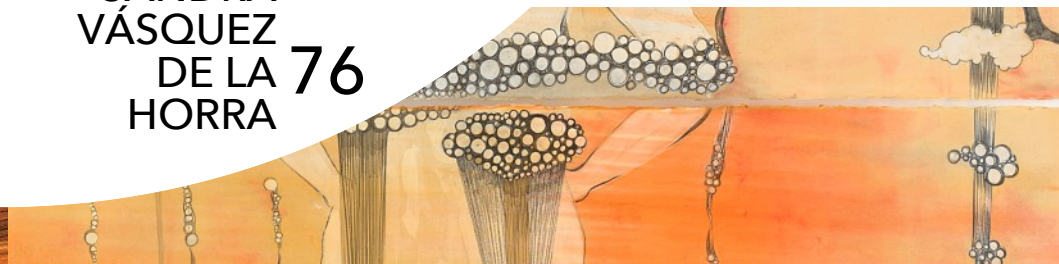
KRIS MARTIN 24

MAX KLINGER 38

MARJÔ MIZUMOTO 54

MAXWELL ALEXANDRE 64

SANDRA VÁSQUEZ DE LA HORRA 76





Para a mostra, em dose dupla, *Beatriz Milhazes: Avenida Paulista*, o público poderá conhecer e percorrer a trajetória profissional da artista plástica carioca em um arco temporal de produção que segue de 1990 a 2020. Realizada em parceria com o Itaú Cultural e Masp, a exposição apresenta uma ampla seleção de pinturas, gravuras, colagens e obras tridimensionais, além de trabalhos inéditos realizados em parceria com a coreógrafa Márcia Milhazes, irmã da artista.

No Itaú Cultural (IC), com curadoria assinada por Ivo Mesquita, a mostra ocupará três andares da sede, com a exibição de 80 obras, entre colagens e

gravuras, e a apresentação de um minidocumentário.

Já no Masp, sob curadoria de Adriano Pedrosa e assistência de Amanda Carneiro, há um panorama das pinturas e obras tridimensionais da artista.

Para conferir *Beatriz Milhazes: Avenida Paulista* no Itaú Cultural e Masp, agende sua visita em itaucultural.org.br e masp.org.br

**BEATRIZ MILHAZES: AVENIDA
PAULISTA • ITAÚ CULTURAL • SÃO
PAULO • 12/12/2020 A 30/5/2021**



EXPOSIÇÃO

SER VIVO, LIVRE, EU.

RAMON VIETEZ
BEATRIZ MENEZES
RODRIGO MARTINS
MICHELLE MARTINES

Em todos os momentos da história, a cultura da sociedade cria expectativas para cada indivíduo. E, em todos os momentos, são indivíduos que falham em cumprir as expectativas - que as ultrapassam ou se afastam delas - que acabam marcando a história.

Nesta época peculiar, em que a vida nunca nos pareceu tão preciosa, a exposição, celebra a individualidade, o espaço que criamos na sociedade para sermos nós mesmos, um espaço onde podemos nos despir das expectativas e ser respeitados em nossa alegria, desejo, amor, tristeza, solidão.

Realização



GALERIA
CAFÉ



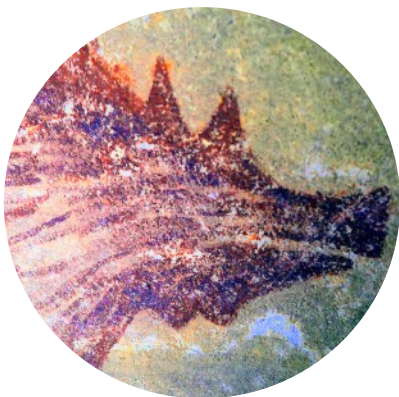
Para saber o valor,
das obras e como
adquirir, aponte
a câmera do seu
celular para o
QR Code ao lado





CURIOSIDADES • O Museu Oscar Niemeyer (MON) entrou na lista dos museus brasileiros mais famosos na rede social Instagram, segundo a Musement, plataforma digital de descobertas de experiências pelo mundo. Classificado em quarto lugar, o MON alcançou mais de 47 mil publicações. Entre os dez primeiros no ranking, é o único fora do eixo Rio-São Paulo.

PELO MUNDO • Arqueólogos acreditam ter descoberto a mais antiga obra de arte conhecida no mundo: três porcos selvagens pintados nas profundezas de uma caverna de calcário na ilha indonésia de Sulawesi há pelo menos 45.500 anos. As antigas imagens, reveladas esta semana na revista Science Advances, foram encontradas na caverna Leang Tedongnge. Feita com pigmento ocre vermelho, a pintura parece retratar um grupo de porcos verrugosos Sulawesi, dois dos quais parecem estar lutando.



GIRO NA CENA • Um museu de cera pouco conhecido em Rolândia-PR, tornou-se objeto de ridicularização nas redes sociais pelo mundo, graças a publicação de um vídeo antigo redescoberto. Entre as figuras de cera, todas feitas pelo escultor Arlindo Armacollo, estão figuras internacionalmente consagradas como Madre Teresa, Princesa Diana e Albert Einstein, além de personagens de ficção, como Shrek e Chaves.



POLÊMICA • Claude Lévêque, um artista condecorado que representou a França na Bienal de Veneza de 2009, suspendeu seu relacionamento com sua galeria e viu seu trabalho ser permanentemente removido das paredes de um museu em Genebra devido a uma investigação criminal em andamento por promotores franceses.

O escritório do promotor público de Bobigny confirmou que a polícia local lançou uma investigação preliminar por “atos de estupro e agressão sexual contra menores de 15 anos” em maio de 2019.



VISTO POR AÍ • *ExFinito*, no Farol Santander São Paulo, é a primeira grande mostra individual no País do artista chileno Iván Navarro.

Instalada no 22º andar, a mostra exibe 14 obras inéditas que foram produzidas localmente, além da instalação de arte pública *Escada (Caixa d'Água)* que já foi exposta em Nova York.

“

“Estou ansiosa para unir nossos objetivos comuns de expandir a história da arte e também trabalhar para moldar uma nova realidade para as artes e a cultura”

• **DISSE A CURADORA**

Naomi Beckwith, veterana do Museu Guggenheim Nova York, ao ser nomeada como a primeira curadora-chefe negra da Instituição.

Le duo, 1937 © VG Bild-Kunst, Bonn 2020
© Foto: Centre Pompidou, MNAM-CCI / Philippe Migeat / Dist. RMN-GP, Bonn 2020.

ALTO relevo

J. Braque

37





GEORGES
braque.

O MUSEU BUCERIUS KUNST FORUM ESTÁ DEDICANDO UMA RETROSPECTIVA A GEORGES BRAQUE, A PRIMEIRA PESQUISA ABRANGENTE DE SUAS PINTURAS NA ALEMANHA EM MAIS DE 30 ANOS. BRAQUE É CONSIDERADO O INICIADOR DO CUBISMO E UM DOS PRINCIPAIS ARTISTAS DO SÉCULO 20. A EXPOSIÇÃO CRONOLOGICAMENTE ORGANIZADA TRAÇA A SURPREENDENTE DIVERSIDADE CRIATIVA DELE: DESDE SEUS PRIMEIROS TRABALHOS FAUVISTAS, PASSANDO PELO DESENVOLVIMENTO DO CUBISMO, ATÉ SUA ÚLTIMA SÉRIE QUASE ABSTRATA NO PERÍODO DO PÓS-GUERRA

POR KATHRIN BAUMSTARK

“Monsieur Braque é um homem muito jovem e corajoso. [...] [Ele] reduz tudo – paisagens, figuras, casas – a padrões geométricos, a cubos”, comentou o crítico de arte Louis Vauxcelles ao ver a primeira exposição individual de Braque em 1908, considerada a estreia pública do cubismo.

O trabalho de Georges Braque (1882-1963) foi exposto extensivamente na Alemanha, particularmente nos anos 1930 a 1960, com a última grande exposição ocorrendo em 1988. No entanto, enquanto vários museus da Europa homenagearam o artista com grandes mostras, pouco de seu trabalho foi visto no circuito alemão desde o final dos anos 1980. Agora, após um hiato de mais de 30 anos, uma ampla seleção de suas pinturas estará finalmente em exibição na Alemanha, em uma exposição com 80 obras importantes emprestadas, a maioria delas do

Le Guéridon rouge, 1939-1952, © VG Bild-Kunst, Bonn 2020
© Foto: Centre Pompidou, MNAM-CCI / Georges Meguerditchian / Dist. RMN-GP







Le Viaduc de L'Estaque, 1908 e Les instruments de Musique, 1908. © VG Bild-Kunst, Bonn 2020.
© Foto: Centre Pompidou, MNAM-CCI / Georges Meguerditchian / Dist. RMN-GP

Centre Pompidou, em Paris. A exposição *Dance of Shapes* foi organizada cronologicamente em sete capítulos e demonstra como Braque, com toda a sua diversidade, e, apesar das mudanças estilísticas e formais, sempre se manteve fiel à sua linha característica – bem ao contrário de seu colega artista Pablo Picasso, por exemplo.

O primeiro capítulo da exposição aborda os primeiros trabalhos do artista nos anos 1906-1907. As poucas pinturas conhecidas desse período atestam seu entusiasmo pelo fauvismo e relações estreitas com seus protagonistas, principalmente Henri Matisse, André Derain e Maurice de Vlaminck. Braque comentaria mais tarde que era o aspecto físico do fauvismo que mais o atraía na época. Tons claros, pinceladas expressivas e formas criadas por cores puras dominam suas obras desses anos.

No segundo capítulo da mostra, traça-se o progresso do cubismo de 1908 a 1914. "Trate a natureza por meio do cilindro, da esfera e do cone", escreveu Paul Cézanne já em 1904. Nas paisagens, naturezas mortas e nus que Braque pintou a partir de 1908, ele adotou a abordagem geométrica de Cézanne para a forma, bem como sua restrição aos tons de ocre. Braque e Picasso começaram então a colaborar estreitamente em 1909, formando uma "equipe" cubista que duraria até o início



Le Guéridon, 1911 e L'homme à la guitare, 1914. © VG Bild-Kunst, Bonn 2020
© Foto: Centre Pompidou, MNAM-CCI /

da guerra, em 1914. Nas obras que os dois produziram entre 1909 e 1912, eles dividiram seus temas em formas esquemáticas e, em seguida, colocaram várias vistas do objeto representado frontalmente, lado a lado. As características desse cubismo analítico são uma paleta cinza-marrom reduzida e a abertura de formas fechadas. Esse primeiro modo cubista foi seguido pelo cubismo sintético de 1912 a 1914. Em contraste com a aparência quase abstrata das obras da fase anterior, as formas nessas novas pinturas eram mais legíveis, as cores mais vibrantes e a abordagem quase lúdica, desafiando os preceitos da pintura tradicional.

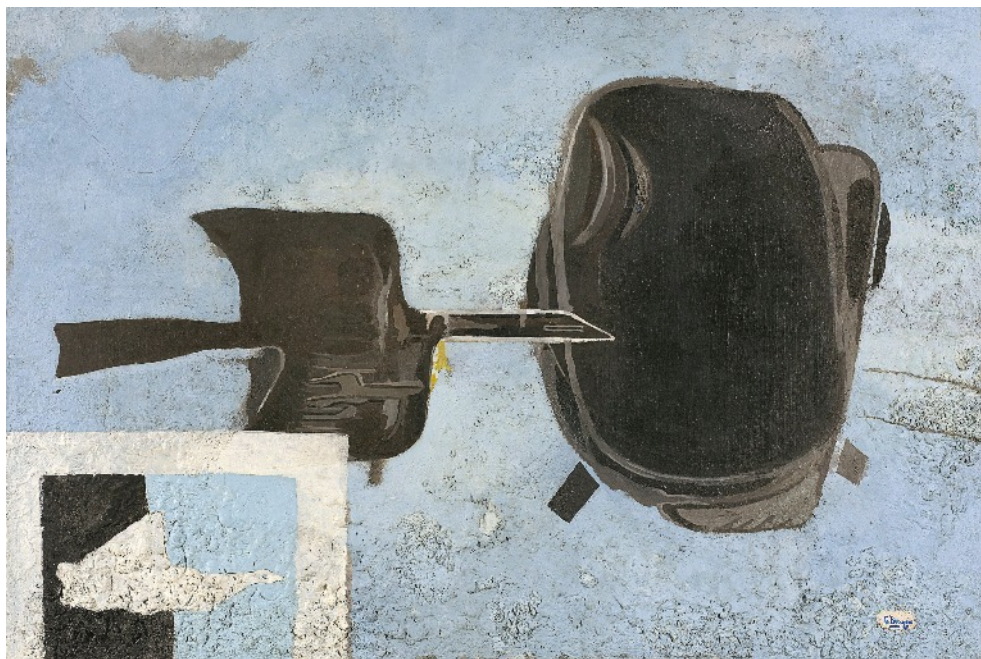
A Primeira Guerra Mundial trouxe então uma ruptura abrupta no desenvolvimento do cubismo. Muitos artistas modernos pareciam renunciar a abordagens de vanguarda e, em vez disso, passaram a cultivar um estilo neoclássico. Braque teve um papel fundamental nessa tendência, como pode ser visto no terceiro capítulo da mostra. No *Paris Salon d'Automne*, em 1922, toda uma galeria de exposição foi dedicada ao trabalho dele. Muitos críticos de arte presumiram, ao ver as pinturas em exposição, que refletiam o legado de Camille Corot e do escultor renascentista Jean Goujon, que Braque havia dado as costas de uma vez por todas ao cubismo. O historiador de arte alemão Carl Einstein foi um dos poucos que interpretou o

pseudoclassicismo de Braque como uma continuação e um passo adiante em sua trajetória cubista. Em contraste com o cubismo de sua fase anterior, entretanto, as naturezas-mortas de Braque do início dos anos 1920 parecem mais suaves e orgânicas.

Outro capítulo da mostra oferece um vislumbre do figurino de Braque e dos *designs* de palco de meados da década de 1920. Os principais exemplos são os trabalhos dele para o *Ballet Salade*, de Léonide Massine e Darius Milhaud, que a companhia *Les Soirées de Paris* apresentou em Paris, em 1924, em eventos de caridade que ela organizou. Os cenários e figurinos de Braque têm uma aparência simples e discreta, exibindo os mesmos tons de cinza e marrom de muitas de suas pinturas. Entre 1931 e 1942, Braque criou uma série de naturezas-mortas que remetem ao legado do cubismo sintético. Esses são o foco do quinto capítulo da exposição. As naturezas-mortas desse período têm um desenho ornamental plano. Braque trata os objetos inanimados em suas composições como seres vivos, emprestando-lhes formas decorativas redondas e curvilíneas. Esse biomorfismo pode ser comparado às naturezas mortas contemporâneas de Picasso, mas Braque também traz

Les Poissons noirs, (Detail), 1942, © VG Bild-Kunst, Bonn 2020.
© Foto: Centre Pompidou, MNAM-CCI /





À tire d'aile, 1956-1961, Donation Madame Georges Braque, 1965 © VG Bild-Kunst, Bonn 2020 ©
Foto: Centre Pompidou, MNAM-CCI / Bertrand Prévost / Dist. RMN-GP

elementos surrealistas. Ele explora aqui a fusão de objeto e corpo e suas infinitas transformações – a silhueta curva de um violão, por exemplo, ecoa a figura humana: “um copo acaba sendo um bandolim, um violão completa uma garrafa” (Carl Einstein).

Quando a Segunda Guerra Mundial estourou, Braque inicialmente ficou na casa e estúdio que ele tinha na Normandia, e depois voltou para Paris com a família em 1940. Passou os anos de ocupação vivendo e trabalhando em condições precárias, retirando-se para uma espécie de “passividade ativa”. As composições sombrias e reduzidas desse período são apresentadas no sexto capítulo da exposição. Braque certa vez observou que os temas recorrentes do crânio, rosário e crucifixo eram apenas um pretexto para a pesquisa formal e não tinham a intenção de evocar as angústias dos tempos de guerra. Mesmo assim, a atmosfera sombria de guerra e ocupação parece permear as pinturas de Braque.

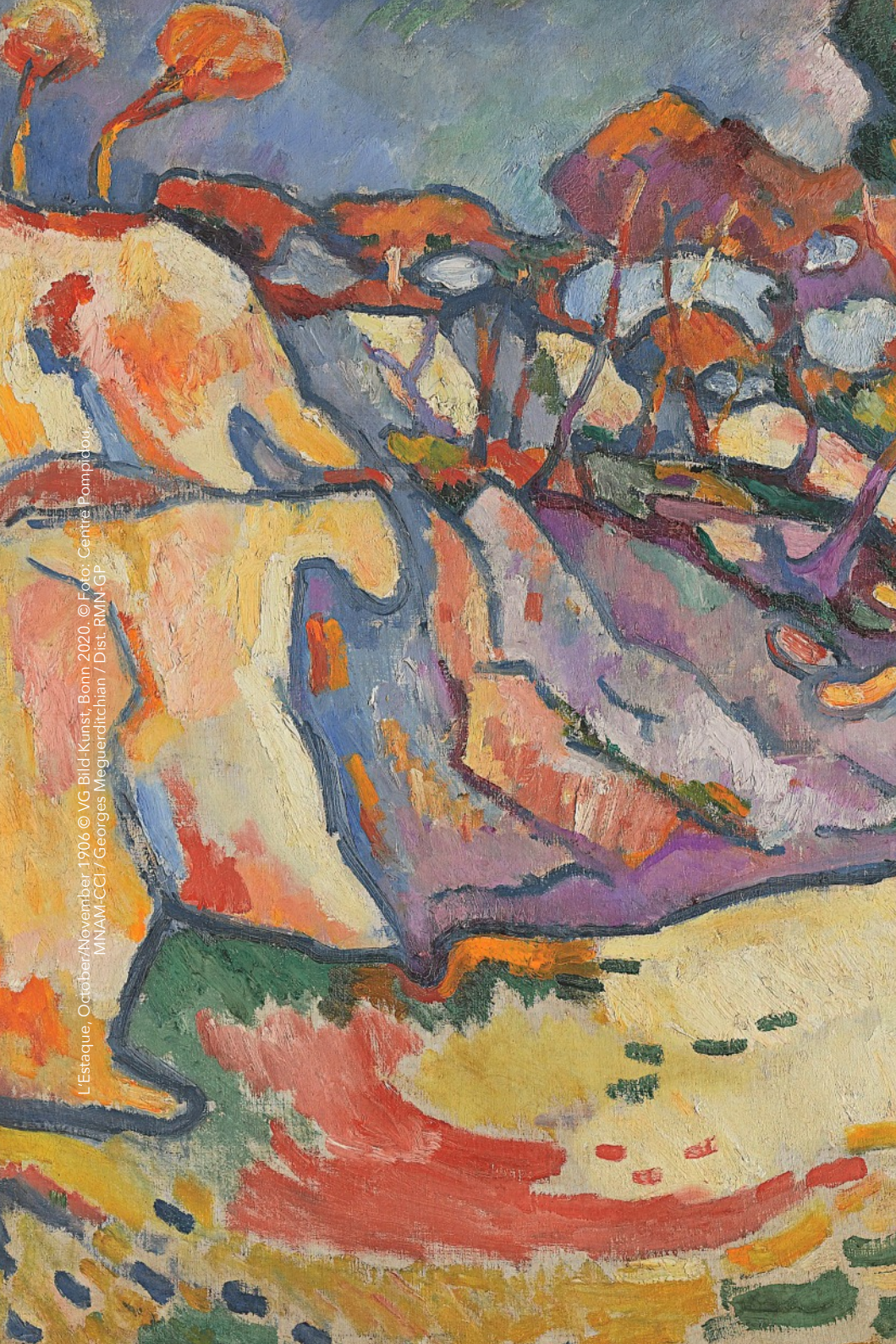
O período do pós-guerra trouxe um amplo reconhecimento a Braque. Em 1946, foi agraciado com a Ordem de Mérito da *Légion d'honneur* da França e, em 1948, com o Grande Prêmio de Pintura da Bienal de Veneza. Uma série de exposições de seu trabalho foi realizada, especialmente na Alemanha, onde a arte dele já foi





Atelier IX, 1952/1953-1956 accomplished,
© VG Bild-Kunst, Bonn 2020
© Foto: Centre Pompidou, MNAM-CCI /
Bertrand Prévost / Dist. RMN-GP

considerada degenerada durante a era nazista. Em 1961, o Louvre, em Paris, montou uma grande retrospectiva para Braque – a primeira exposição que o museu já dedicou a um artista vivo. No início dos anos 1950, o Louvre já o havia contratado para fazer uma pintura de teto. A imagem mostra silhuetas negras de pássaros fluando sobre um fundo azul e foi o ponto de partida para uma série de trabalhos com temas de pássaros, que podem ser vistos no último capítulo da exposição. Nessas obras, essas aves são representadas pictograficamente e a concepção de espaço é nova para Braque. Desde a fase cubista, ele pintou quase apenas interiores. Mas agora o tema dos pássaros o estimulou a abrir suas obras ao ar livre: o céu se tornou visível novamente. Braque se dedicou assim nos últimos anos de vida a uma série de paisagens,



L'Estaque, October/November, 1906 © VG Bild-Kunst, Bonn 2020. © Foto: Centre Pompidou, MNAM-CCI / Georges Meguerditchian / Dist. RMN-GP





adotando um formato horizontal raro em sua obra e aplicando tinta em camadas de empastamento. A paisagem crepuscular de *The Weeding Machine* – muitas vezes comparada ao

Wheat Field with Ravens, de Vincent van Gogh – é considerada a última pintura que Braque fez antes de morrer, em 31 de agosto de 1963.



The Weeding Machine, 1961-63. © Foto: Centre Pompidou, MNAM-CCI / Bertrand Prévost / Dist. RMN-GP



Kathrin Baumstark é curadora e diretora artística de cinema e audiovisual do Bucerius Kunst Forum.

GEORGES BRAQUE: DANCE OF SHAPES • BUCERIUS KUNST FORUM
• ALEMANHA • 10/10/20 A 30/4/21



T.Y.F.F.S.H., 2009. Courtesy Kris Martin.
Photo MCA Chicago.



KRIS
martin.

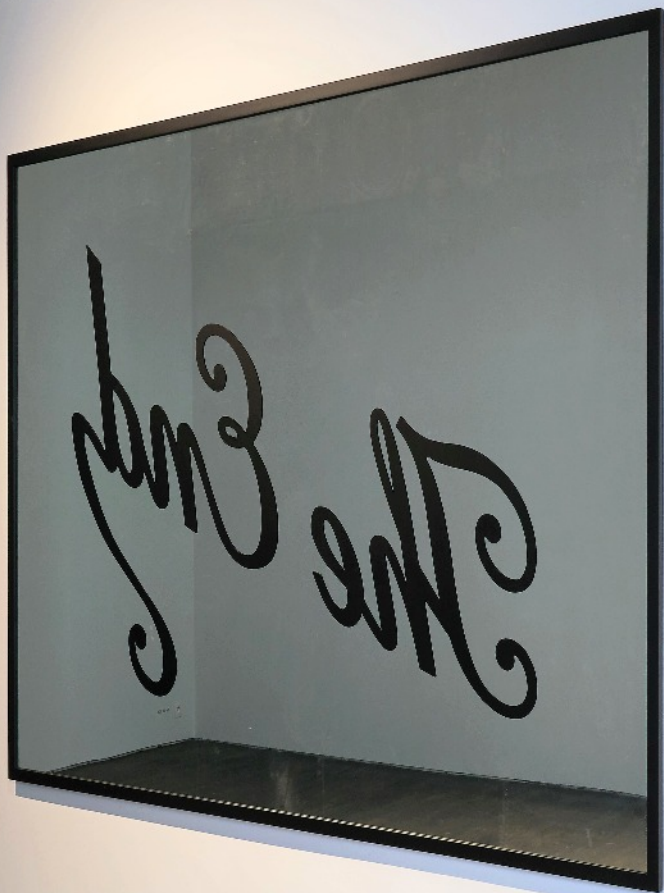
KRIS MARTIN CRIA IMAGENS A PARTIR DE OBJETOS QUE LEVANTAM QUESTÕES SOBRE CONCEITOS COMO TRANSITORIEDADE, IDENTIDADE E MORTE. DENTRO DE TEMAS QUE PERCORREM A HISTÓRIA DA ARTE HÁ SÉCULOS, O ARTISTA BELGA ENTRELAÇA LITERATURA E MITOS EM SEU TRABALHO

POR IASMINE SOUZA

Quanto vale um minuto de silêncio para uma sociedade frenética? Em 2007, Kris Martin conseguiu silenciar a Frieze Art Fair de Londres, uma das feiras de arte contemporânea mais badaladas do mundo. Visitantes e galeristas se entreolharam quando uma voz feminina deu o comando no sistema de autofalante. O artista belga de 48 anos é sempre bem-sucedido quando se trata de provocar um momento raro e precioso de reflexão pessoal ao espectador, com absoluta simplicidade de método. "Um minuto de silêncio sem motivo. Para ninguém. Por nada. Só um minuto para você. Um minuto para ganhar ou perder, para desperdiçar ou usar. Depende de você". Estar presente. Um desafio caro à modernidade.

Para quem ainda tem dificuldade em se despir do preconceito e sair da caixinha da pintura de cavalete, encontra aqui mais uma oportunidade de desviar seriamente do convencional na arte. Martin ressignifica a identidade de materiais e objetos familiares do cotidiano com um vasto vocabulário simbólico. Suas intervenções engenhosas criam novos espaços de investigação para os bons e velhos dilemas da existência humana: o tempo, a vida e a morte. É bem verdade que essas questões permeiam a arte e

The End, 2006. Courtesy Kris Martin.



The End

Bee, 2009.
Foto: Dirk Pauwels.

angustiam a humanidade há séculos – e, nesse ponto, não há ineditismo –, mas ele garante ao menos o convite para a construção de um novo olhar sobre o que você, talvez até pretensiosamente, acreditava que já sabia. Um olhar mais poético e não tão sério quanto o que estamos acostumados a destinar à nossa finitude.

Como um bom filho que à casa torna, é na Bélgica, em Gante, no museu S.M.A.K., que acontece a primeira retrospectiva do artista, *EXIT*, com alguns dos mais significativos trabalhos produzidos ao longo dos seus 20 anos de carreira. Aqui, um alerta: a data das obras pode causar surpresa. As provocações de Martín vestem tão sob medida o momento de hoje que parecem ter sido produzidas nos últimos meses ou semanas. É certo que as noções de impermanência, transitoriedade e vulnerabilidade da existência no planeta nunca estiveram tão escancaradas, mas é de muito antes o esforço do artista para mostrar como são ingênuas as nossas



aspirações de longevidade. Por meio de instalações e esculturas com forte poder visual, ele nos coloca frente à incerteza da vida. Mas, ao contrário do que se poderia pensar, o desconforto desse encontro não o deprimirá e pode até ser que lhe arranque um sorriso. Em tempos de crise, talvez seja exatamente o que precisamos. O título *EXIT*, além de brincar com o retorno de Martin à sua terra natal após 20 anos, esconde outra aparente (e excelente!) contradição: entre para sair. Assim como o artista, que pensa profundamente e faz do seu cérebro o estúdio, reflita para além da imagem, desafie-se. É um processo transformador e tocante. Em *Bee* (2009), como alegoria da crise ambiental, o visitante observa o cadáver de uma pequenina abelha de ouro de barriga para cima. Já em *100 Years* (2004), Martin apresenta uma esfera de aço dourada preparada para detonar cem anos depois, em 2104. Ainda restam 84 anos ao cronômetro interno. Em *Festum II* (2010),



milhares de confetes de bronze foram espalhados ao chão. Na sensação de pós-festa, a solidez do material contraria a efemeridade da celebração. Há ainda um *Microscópio* (2020) com lentes adaptadas para deixar os objetos menores e um grande balão de ar quente em uma sala vazia, longe do céu e sem passageiros. O sonho abandonado de voo do corpo e da mente (*T.Y.F.F.S.H.*, 2009).

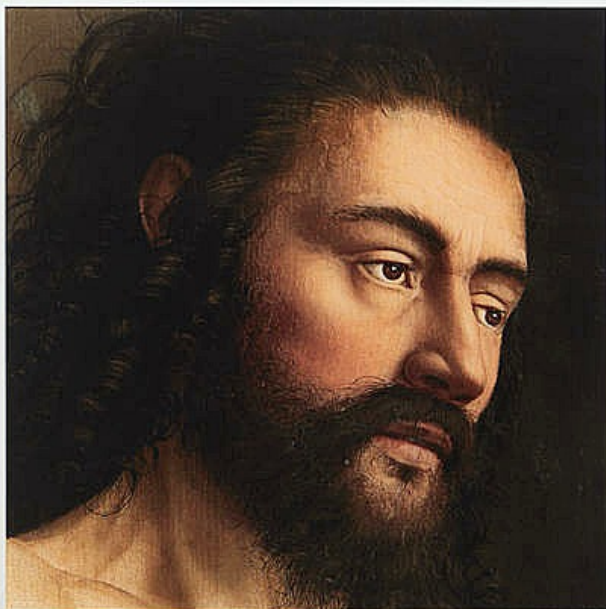
Para *Vase* (2005), Kris Martin quebrou um vaso de porcelana e o remontou colando penosamente os pedaços a cada nova exibição. Toda vez que a obra é levada a público, o ciclo de destruição e reconstrução se repete. Atualmente fragmentado em incontáveis cacos, ainda se pode vê-lo de pé, talvez ostentando a força que há em sua fragilidade. A paciência de um monge também foi exatamente o que o artista precisou para criar *Idiota*, do mesmo ano, quando reescreveu à mão o clássico romance de 1.494 páginas de Fyódor Dostoiévski, substituindo o nome do protagonista Myshkin pelo dele. “Fazendo isso, eu mesmo me tornei o idiota”, diz na descrição obra.

Um rico diálogo se estabelece em *Altar* (2014), que surge da admiração de Martin pela suntuosa obra prima do século 15, *Retábulo de Ghent* (1432), dos irmãos Hubert e Jan Van Eyck. Uma enorme estrutura de aço replica a moldura do políptico, omitindo apenas os painéis religiosos que compõem o seu interior. Aliás, lacunas eloquentes são típicas do seu trabalho. Ele sabe que é exatamente a sensação de estar faltando algo que possibilita espaço livre à imaginação. Na estrutura, originalmente instalada na praia de Ostend e agora no centro de Gante, por ocasião da mostra, as narrativas bíblicas dão lugar à paisagem em todos os seus detalhes, em uma bela conexão entre o real e o divino. Através das janelas, um espelho do mundo visível, tal como pretendido nos esforços realistas dos irmãos Van Eyck. Ainda do fascínio pelo retábulo nasce *Eva e Adão* (2017), em que os rostos do homem e da mulher, em vez de olharem fixamente um na direção do outro – no trabalho original eles estão posicionados frente a frente nas asas articuladas exteriores –, olham em direções opostas, de costas e divididos por um espaço em branco, possivelmente dispostos em solidão e silêncio.

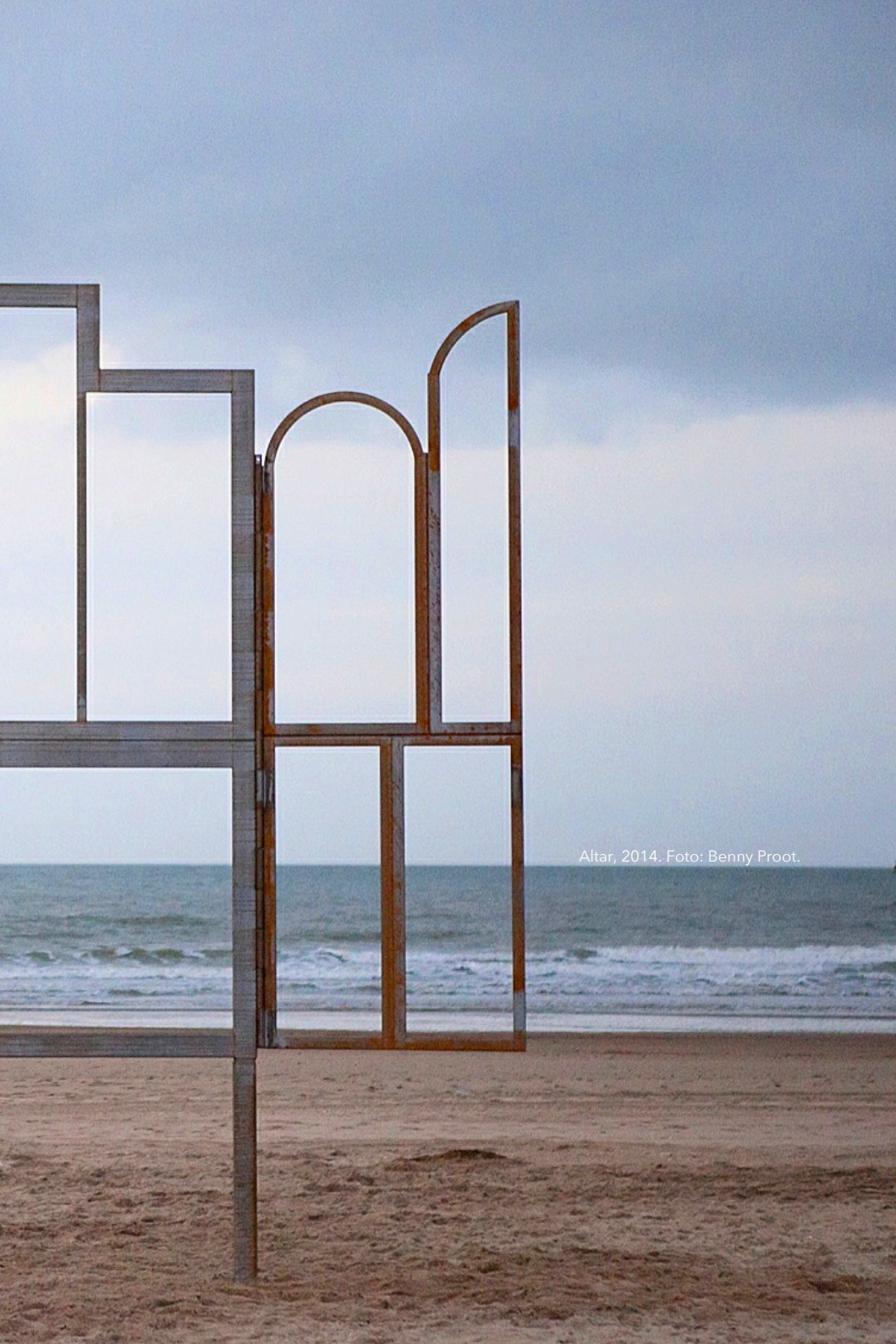


Eve & Adam, 2019
Courtesy the artist and Sean Kelly, New York.
Photography: Jason Wyche, New York

“ Olham em direções opostas, de costas e divididos por um espaço em branco, possivelmente dispostos em solidão e silêncio”







Altar, 2014. Foto: Benny Proot.

Mandi VIII, 2006.
Courtesy Kris Martin.
Foto: Sara Deal

Para os amantes de história da arte, também causa impacto ver incompleta uma das mais comoventes e fascinantes obras clássicas do período helenístico: *Lacoonte e seus filhos*. Na réplica da icônica escultura grega, *Mandi VIII* (2006), Kris Martin suprimiu o elemento de horror da tragédia e fez desaparecer as ferozes serpentes marinhas, enviadas pelos deuses gregos para punir a interferência do sacerdote, que tentou advertir os compatriotas troianos a não aceitarem o presente dos gregos, o cavalo de Troia. O artista parece ter retirado o essencial, mas quem chegou até aqui já entendeu que a arte, às vezes, está exatamente naquilo que não se vê. Agora, contra o que ou quem é a luta desesperada? A experiência de cada um dirá.



Iasmine Souza Encarnação Novais é Procuradora do Município de São Paulo, entusiasta da história da arte e autora do perfil @minutodearte.

KRIS MARTIN: EXIT • S.M.A.K • BÉLGICA •
3/3/2020 A 01/3/2021



FLASHback



MAX klinger

Garotas na praia, (Villa Albers), 1883/84.
Hamburger Kunsthalle bpk / Hamburger Kunsthalle.



PIONEIRO DO SIMBOLISMO ALEMÃO, MAX KLINGER (1857-1920) FOI UMA DAS PERSONALIDADES ARTÍSTICAS MAIS PROEMINENTES E, AO MESMO TEMPO, MAIS CONTROVERSAS NA CENA ARTÍSTICA INTERNACIONAL POR VOLTA DE 1900. SEU TRABALHO INCLUI PINTURAS, ESCULTURAS E UMA RICA OBRA GRÁFICA

POR AGNIESZKA LULINSKA

Inspirado por pelo compositor Richard Wagner, Max Klinger se esforçou para superar as fronteiras do gênero no sentido de uma obra de arte total em que pintura, escultura, gráficos, arquitetura – e música também – se fundem em uma unidade harmoniosa. Com sua “fantasia original” e invenções de imagens tecnicamente virtuosas no campo da gravura, Max Klinger ganhou grande admiração desde o início de sua carreira artística. Em suas pinturas e esculturas, ele se afastou da concepção acadêmica e idealizada das figuras, em direção a uma representação então chocante do corpo humano nu. Assim, Klinger contribuiu significativamente para a formulação de uma imagem moderna do homem na arte.

O foco da exposição – que inclui cerca de 200 obras de todos os campos criativos de Klinger – é a monumental escultura de *Beethoven*, de 1902. Essa obra excepcional é considerada o clímax da Adoração Romântica tardia de Beethoven e uma contribuição para o ano de aniversário do compositor em 2020/2021.







Banhista refletindo na água, 1896/97.
Foto: © InGestalt / Michael Ehritt

INSPIRAÇÃO EM RODIN

Entre 1883 e 1902, Max Klinger ficou mais tempo em Paris. Esse centro da arte moderna teve um impacto duradouro na obra dele: foi lá que conheceu os movimentos artísticos atuais, como o Impressionismo, e descobriu a pintura de nus, que se caracteriza pela iluminação requintada. Ao mesmo tempo, lidou com a escultura francesa da época, tendo na indiscutível estrela de Auguste Rodin uma influência.

Klinger conheceu pessoalmente o admirado colega em 1900.

Ambos os escultores colocaram o corpo humano em sua nudez natural no centro de sua arte. Uma modelagem viva das superfícies, bem como a eficaz técnica não finita de Rodin, na qual ele deixou a forma plástica “crescer” do mármore – uma “marca registrada” dos franceses –, podem ser encontradas em Klinger, cuja admiração particular era pelos desenhos e aquarelas independentes de Rodin, que, apesar da tecnologia mais econômica, impressionavam por seu carisma vivo e modernidade formal.

UMA VIDA - A QUEDA DO HOMEM COMO CRÍTICA DO TEMPO

O ciclo de gravuras criado entre 1880 e 1884, *Ein Leben (Uma vida)*, ilustra a abordagem artística de Klinger de combinar a arte simbólica das ideias com a crítica do tempo. Ele queria questionar novamente os fenômenos da vida moderna contra o pano de fundo de “uma grande visão de mundo”. Ao mesmo tempo, ele denunciou a duplicidade burguesa de seu tempo e foi um dos primeiros artistas alemães a abordar o tema da prostituição. O destino individual aqui apresentado é um exemplo da situação de vida das mulheres em uma dura realidade social.

O ciclo consiste em 15 cenas parcialmente realistas, simbólicas e alegóricas. A página de rosto mostra a queda bíblica no pecado – o ponto de partida para as ideias tradicionais de culpa e expiação. As cenas a seguir abordam as fantasias opressivas de uma jovem e sua subsequente realização sexual. A parte principal descreve sua carreira trágica como uma mulher “caída”, a perda associada de sua dignidade humana leva à inevitável ruína e exclusão da sociedade. No epílogo, Klinger coloca a história da prostituição no contexto do ensino cristão da salvação e apela à caridade de seus semelhantes.

MITO - MODERNO!

O conhecimento da história e da cultura da antiguidade fazia parte do cânone educacional burguês no século 19. Mas a onipresença da antiguidade nas artes muitas vezes levou à erosão ideal. “Só tem material morto [*sic*], estilos usados, sejam eles renascentista ou grego”, criticou Max Klinger, em 1891.

As interpretações de Klinger de temas conhecidos e seu estilo de *design* divergiram dos conceitos de imagem classicistas e, assim, criaram novos mitos no espírito de sua época. Usando uma combinação de motivos da antiguidade e do cristianismo, ele desenvolveu um novo e surpreendente conteúdo de imagem caracterizado pela inventividade e pela ironia sutil. Suas obras escultóricas refletem a discussão da época sobre as cores originais das esculturas antigas.

Nas grandes tradições narrativas – a Bíblia e a mitologia – seu foco era particularmente em figuras femininas controversas como Eva, Salomé e Cassandra. As primeiras esculturas de Klinger estabeleceram o espectro de papéis femininos entre a sedutora assassina Salomé e a vidente tragicamente falida Cassandra.



O NU - "NÚCLEO E FOCO DE TODA ARTE"

Max Klinger desfrutou de uma educação artística clássica, que o moldou como um artista figurativo. Em suas obras, ele prestou homenagem ao ideal estético então geralmente aplicável da nudez antiga. A absorção desses modelos se deu pelo estudo de moldes de estátuas gregas, onde o novo meio da fotografia serviu de sugestão, modelo iconográfico e prova, com o contrapeso do uso de modelos vivos para obter o "ideal da realidade" desejado.

Em seu trabalho teórico de arte *Pintura e Desenho*, de 1891, Max Klinger defendeu veementemente uma reprodução imparcial do corpo nu e forneceu impulsos inovadores para a formulação de uma imagem moderna do homem na arte.

Como outros artistas de sua época, ele contratou atletas profissionais como modelos para suas obras. Isso abriu novas possibilidades para a representação do nu masculino, tanto formal quanto tematicamente. Em seus retratos de mulheres, embora se orientasse para o ideal clássico de beleza, atribuía grande importância ao estudo da natureza – "Pele, estrutura corporal, compreensão do exterior por meio da compreensão interior" eram o foco do seu interesse.

Hera, (Estudo de Cristo no Olimpo), 1896. © Foto: A. and DB Collection, Munich.





A CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO - PRONTO PARA O PALCO

Na época da partida Klinger para Roma, em 1888, ele era celebrado como um dos maiores mestres da arte gráfica desde Dürer e Rembrandt. Em contraste, o público conservador e partes dos críticos de arte eram céticos em relação à pintura dele. Isso também se referia à monumental pintura *A Crucificação de Cristo*, de 1890.

A composição lembra exemplos italianos e alemães do Renascimento, mas, ao mesmo tempo, rompe com essa tradição. O baixo ponto de fuga do cenário em forma de palco atrai o observador diretamente para a imagem. O Cristo crucificado



e nu – o verdadeiro personagem principal – não é mostrado no eixo central, como é de costume, mas determina a “metade direita, pesada, nua” de acordo com as palavras de Klinger. No centro da foto, é possível ver Maria congelada de dores e a agitada Maria Madalena, apoiada pelo apóstolo João. As figuras assistentes na borda esquerda da imagem aparecem como observadores indiferentes dos eventos dramáticos.

A interpretação idiossincrática de Klinger da cena da crucificação, especialmente a figura nua de Cristo, gerou um escândalo. Durante a apresentação, em 1891, a pintura teve que ser parcialmente drapeada, mais tarde, Klinger pintou uma tanga sobre a nudez de Cristo.

“ *Klinger concretizou sua visão da “obra de arte do futuro” abrangendo todos os gêneros”*

BEETHOVEN DE KLINGER - A VISÃO DA “OBRA DE ARTE DO FUTURO”

A escultura de Beethoven desempenha um papel fundamental na obra de Klinger e, ao mesmo tempo, marca o ponto alto internacional de sua carreira artística. Desde a primeira ideia que Klinger teve ao tocar piano em seu estúdio em Paris, em 1884, até a criação do modelo de gesso colorido em 1887, e a finalização do quadro em 1902, foram necessários cerca de 17 anos de trabalho árduo, associado a elevados gastos logísticos e financeiros.

Beethoven aparece aqui com um exagero patético, como um titã musical com traços prometeicos, um gênio que se esforça criativamente, aliviado do tempo. A escultura, composta por 13 peças, foi criada tendo como pano de fundo experiências então novas no campo do plástico colorido e discussões científicas sobre as cores de esculturas antigas. Com seu trabalho monumental controversamente recebido, Klinger finalmente se estabeleceu como escultor. Ao mesmo tempo, ele concretizou sua visão da “obra de arte do futuro” abrangendo todos os gêneros, inspirada na arte das ideias do maestro e compositor Richard Wagner.

Beethoven se tornou indiscutivelmente a atração principal da XIV Exposição da Secessão de Viena, em 1902, dedicada ao compositor e concebida como uma obra de arte atemporal.



ELSA ASENIJEFF - ESCRITORA. MUSA. COMPANHEIRA DE VIDA

A escritora e ativista dos direitos das mulheres nascida em Viena, Elsa Asenijeff (1867-1941), foi uma personalidade extraordinária. Ela conheceu Max Klinger em Leipzig, em 1897-1898; e seu caso de amor de longo prazo foi acompanhado por uma intensa troca artística.

Ela escreveu um estudo sobre o processo de criação da escultura de *Beethoven*, em 1902, uma obra fundamental e indispensável até hoje. Em 1907, Klinger ilustrou a história *Epithalamia*, de Elsa, com desenhos sobre Amor e Psiquê. Dois anos depois desse esforço conjunto, o relacionamento do casal, que ainda não fora admitido em público mesmo após o nascimento de sua filha Desirée em 1900, conheceu um ponto de virada: Klinger conheceu a jovem Gertrud Bock, modelo dele e futura esposa.

Para Elsa, isso deu início ao declínio social e financeiro. A internação forçada em um hospital psiquiátrico de Leipzig encerrou a carreira literária dela em 1923, e passou o resto de sua vida, até 1941, em várias instituições psiquiátricas.

GERTRUD BOCK - "UMA NOVA JUVENTUDE ..."

Quando e onde exatamente Max Klinger e Gertrud Bock (1893-1932) se conheceram, não pode ser esclarecido. Ela e a irmã, Ella, provavelmente foram modelos na Academia de Leipzig. O fascínio de Klinger pelo carisma erótico da jovem, seus traços faciais distintos e o corpo andrógino se reflete em inúmeras representações da década de 1910.

Em contraste com Elsa Asenijeff, que Klinger retratou nua apenas uma vez em um selo exlibris em 1899, Gertrud Bock parece onipresente no trabalho dele. Em sua vida privada, também, Gertrud, um tanto paternalmente caracterizada como "descomplicada" por Klinger, ocupou um espaço cada vez maior. Inicialmente uma modelo reveladora, então amante e governanta leal na segunda residência de Klinger perto de Großjena, ela se tornou esposa dele pouco antes da morte de Klinger, em 1920.

Por muito tempo, Klinger se sentiu dividido entre as duas mulheres e também lidou com esse dilema artisticamente. Ao criar uma nova decoração para seu quarto na Villa Albers, produziu retratos das duas mulheres, em pinturas a serem penduradas nos ângulos do cômodo.



Agnieszka Lulinska é curadora do Bundeskunsthalle em Bonn, Alemanha.

MAX KLINGER E A ARTE DO FUTURO

• BUNDESKUNSTHALLE • ALEMANHA

• 16/10/20 A 31/01/2021

Retrato de Elsa Asenijeff no interior por volta de 1904.
Foto: © InGestalt / Michael Ehrhrt



Sweet Disposition, (Marjô Mizumoto, Marie Yuki Mizumoto Gomes), 2020.

MARJÔ mizumoto.





"MINHA PINTURA VEM DA IDEALIZAÇÃO ROMÂNTICA DO TRIVIAL, DO ORDINÁRIO, DO COTIDIANO, DA BANALIDADE. SINTO QUE EXISTE UMA POTÊNCIA NO COMUM."

CONHEÇA AQUI, A OBRA DA ARTISTA MARJÔ MIZUMOTO. A PINTORA PAULISTANA É A VENCEDORA DO PRÊMIO DASARTES 2021 PELA ESCOLHA DO JÚRI, NA MAIOR EDIÇÃO DO CONCURSO, EM 11 ANOS

POR LEANDRO FAZOLLA

O tempo parece estar no centro da produção de Marjô Mizumoto. Com um olhar atento para o cotidiano, o processo pictórico da artista parece se aproximar ao de um cronista que seleciona fragmentos do dia a dia, elementos de um mundo ordinário que pulsa vida em todos os seus aspectos. De uma ida corriqueira a uma geladeira cheia de produtos e marcas a um prosaico banho de piscina, suas telas colocam em evidência momentos fugidios a que não damos atenção, até se revelarem por meio de suas pinturas.

Atenta ao universo que a cerca, não à toa, nos últimos tempos, a artista também incluiu a pandemia em sua produção: em algumas de suas telas mais recentes, Mizumoto faz referências à Covid-19, como é o caso de *O Pulso Ainda Pulsa* em que, com cores contrastantes e vibrantes e pinceladas bem marcadas, a artista retrata uma profissional da medicina completamente paramentada. Em seus olhos se evidenciam o horror e o espanto diante do caos em que o setor mergulhou nos últimos tempos. Para a criação da obra, Marjô convidou uma plantonista para encenar a imagem que pretendia retratar. Essa encenação de imagens é apenas uma das formas de processo da artista, que também usa como elemento disparador de suas obras fotografias feitas em seu dia a dia e até mesmo colagens de imagens que possam compor as cenas que pretende criar.







Acima: Domingo Legal, (Marie Yuki Mizumoto Gomes e Leon Mizumoto Gomes), 2020.
À direita: Miss Empatia 2020, (Auto-retrato), 2020.

Bacharel em Artes Plásticas pela FAAP-SP, Marjô usa não apenas personagens externos como inspiração para suas pinturas, mas, também, a própria biografia. É o caso de *Sweet Disposition*, um autorretrato da artista amamentando em uma banheira. Em texto que acompanha a obra no portfólio da artista, a pintora revela: “fiquei grávida pela segunda vez, de uma menina, Marie. Ela nasceu e com ela nasceu também a mãe que ensinaria uma menina a ser mulher. Adentrei no feminismo, senti-me empoderada, percebi que os padrões que a sociedade impunha sobre meu corpo não faziam sentido, ele era simplesmente perfeito: gerou, pariu e nutriu meus filhos”.

Os textos que acompanham as imagens da artista colaboram nesse aspecto de cronista que surge a partir de sua produção. Cada pintura de Marjô traz consigo histórias, reais ou fictícias, e tais histórias são ressaltadas pela própria artista por meio de versos, textos, poemas...

COVID-19

新冠 病毒



EM TEU SEIO, Ó LIBERDADE
DESAFIA O NOSSO PEITO A PRÓPRIA MORTE

17 Comprimidos
revestidos

Empatia
2020mg

USO ORAL
Uso em Adulto

O MANEIRA DE UTILIZAR E A DOSAGEM DEVE SER SEGUINTE
O MANEIRA DE UTILIZAR E A DOSAGEM DEVE SER SEGUINTE





Acima: Vick Rockets, (Vick Garaventa), 2011.
A esquerda: The Shining, (Tom Inari), 2020.



Mais do que isso, por vezes, a artista acrescenta fragmentos de texto nas próprias telas, acentuando ainda mais a sensação de que o que está pintado não é uma imagem estanque, mas um fragmento de uma cena, de uma ação que se desenvolve para antes e depois do momento capturado. Nesse processo, suas pinturas se aproximam de outras linguagens como o cinema, a propaganda e a fotografia. Não à toa, dentre suas principais referências artísticas, estão nomes de pintores como Lucian Freud, Edward Hopper, Diego Velázquez, Gustave Courbet, mas, também, a fotógrafa Nan Goldin e os cineastas Quentin Tarantino e Stanley Kubrick.

As pinceladas da artista, que recentemente venceu o 25º SAV – Salão de Artes Visuais de Vinhedo, também costumam variar. Se em *Sweet Disposition* e *The Shining*, o que vemos são pinceladas mais disfarçadas em uma pintura delicada, em telas como *You talking to me?* e *Vick rockets* pode-se perceber pinceladas mais marcadas, pelas quais se evidenciam imagetivamente os conflitos internos das personagens.





My milkshake brings all
the boys to my yard, 2015.

Com obras atualmente expostas no 16 ° Salão Nacional de Arte Contemporânea de Guarulhos, Marjô relata que, em seu processo, há situações em que se sente “como um *voyeur*, espiando para dentro de uma janela, curiosa, vendo o pedacinho da vida de alguém. Por um instante, posso não ser mais eu, sou outra pessoa, outro personagem dentro desse universo particular”. Por meio de sua produção, a artista tem a capacidade de fazer isso também com o público que espia, intrigado. Para além de imagens a serem contempladas, a artista entrega narrativas cheias de vida que fazem movimentar a imaginação de quem as contempla, cenas que parecem vibrar na superfície da tela, ao ponto que não espantaria se algum espectador, em determinado momento, pudesse jurar ter visto uma de suas personagens lhe piscar sobre a tela.



Leandro Fazolla é ator, historiador e produtor cultural. Mestre em Arte e Cultura Contemporânea, na linha de pesquisa História, Teoria e Crítica de Arte. Bacharel em História da Arte. Ator e produtor da Cia. Cerne, com a qual foi contemplado no edital Rumos Itaú Cultural.

REFLeXO

MAXWELL alexandre.





AOS 30 ANOS, MAXWELL ALEXANDRE RETRATA EM SUA OBRA UMA POÉTICA QUE PASSA PELA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS E CENAS ESTRUTURADAS A PARTIR DA VIVÊNCIA COTIDIANA PELA CIDADE E NA ROCINHA, ONDE NASCEU, TRABALHA E RESIDE. AQUI, O ARTISTA FALA À DASARTES SOBRE O PROCESSO DE INSPIRAÇÃO E CRIAÇÃO DE 5 OBRAS DE SUA JOVEM CARREIRA

POR MAXWELL ALEXANDRE

WALLRIDE PAINTING

“No início de 2015, tive a chance de trabalhar em um edifício abandonado na Estrada das Canoas, no Rio: o Gávea Tourist Hotel, mais conhecido como Esqueleto. Nessa experiência de imersão e isolamento, alcancei uma nova postura em minha prática com Patins Street, pois, pela primeira vez, usei uma manobra com outro fim, o de não ser manobra, mas se autorregistrar, marcar seu impacto e efemeridade no espaço. Assim surgiu a prática do *wallride painting*: uma *performance* que começa com a tinta no chão e, ao passar por cima com patins, carrego pigmentos que registram meu trajeto sobre o *canvas* preso à parede, enquanto executo a manobra chamada *wallride*. Esse trabalho é muito importante pra mim, pois acredito que ele simboliza a junção entre minha prática antiga como patinador de *street* e minha prática atual como artista plástico.”





CERIMÔNIA DE BATISMO COLETIVO

"A obra consiste em uma instalação composta de cinco telas pintadas com padrões de piscina Capri, sendo três delas suspensas formando uma sala, e duas como forro de chão. No centro fica um tanque batismal com água. A organização desses elementos constrói um templo para a passagem dos fiéis nas águas em um ritual



de batismo. A instalação foi ativada pela primeira vez em 19 de setembro de 2019, para batizar 21 artistas em uma cerimônia de batismo coletivo pela Igreja do Reino da Arte (A Noiva), em um estande durante a feira ArtRio, na Marina da Glória."



“O ritual de Peregrinação na Igreja do Reino da Arte é o trabalho de fé pela caminhada. Escolhe-se um ponto de partida e chegada, e, normalmente, os fiéis carregam obras durante o trajeto. É muito comum que sejam feitas paradas específicas em alguns pontos da cidade, durante o caminho, para a realização de pequenos cultos. No dia 24 de julho de 2018, foi realizada uma das caminhadas mais longas da Noiva.



“ É muito comum que sejam feitas paradas específicas em alguns pontos da cidade, durante o caminho, para a realização de pequenos cultos.”

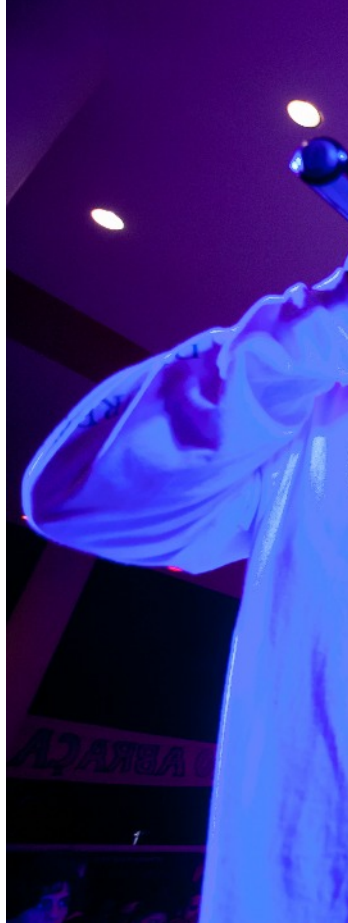
PEREGRINAÇÃO

A ocasião foi minha primeira exposição individual, na galeria A Gentil Carioca. Eu havia pintado quatro grandes painéis para o *show*. Eu me reuni com a Igreja em meu ateliê, na Rocinha, e caminhamos com os rolos de pinturas nos ombros até o espaço expositivo, no centro do Rio, em um trajeto de aproximadamente 20 km, em aproximadamente quatro horas.”

PARDO É PAPEL, PERFORMANCE: BK' E BACO EXU DO BLUES

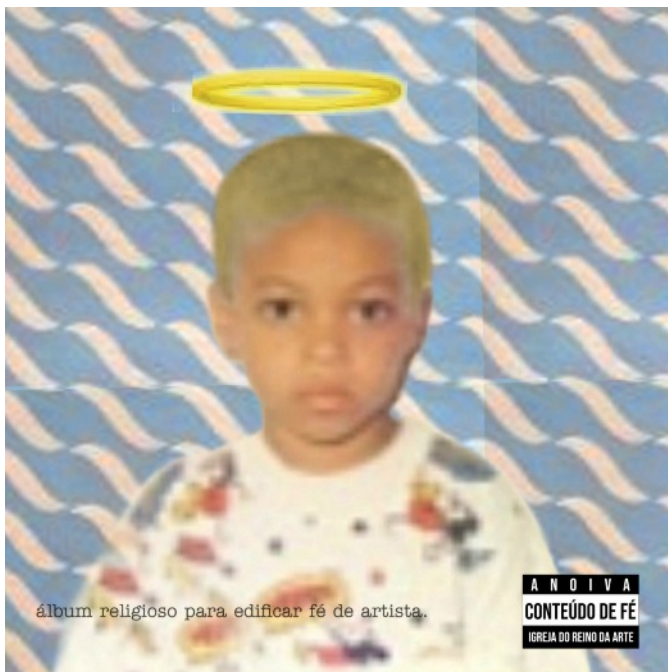
"A exposição itinerante de *Pardo é Papel* passou em 2019 pelo Museu de Arte do Rio (MAR), e foi nesse momento que eu tive a chance de apresentar pela primeira vez uma *performance* da série, com Bk' e Baco Exu do Blues. Foi montado um palco nos pilotis do Museu para os poetas performarem seis faixas, com uma pintura ao fundo, de padrões de piscina Capri dourados, feita especialmente para a ocasião. A *performance* foi também uma maneira de desafiar as estruturas já estabelecidas da formatação de *Pardo é Papel*. Apresentar a série em formato de performance foi um dos caminhos que encontrei para colocar isso à prova. A articulação dessas crônicas não podia estar presa a um único suporte. Foi navegando por essa ideia que entendi que minha busca era pela valorização e pelo reconhecimento do conteúdo da série: pretos empoderados, marrentos, ostentando, vencendo...

Como Baco falou em entrevista para o museu, "foi uma noite importante de ocupação de um espaço de perspectiva branca, um encontro de arte preta, algo que vai ser histórico daqui a um tempo". A *performance* aconteceu na inauguração da mostra e a divulgação causou alvoroço nas redes sociais, lotando o museu. A plenitude da série se deu ali, com toda a comunidade preta empoderada cantando "Minha vez de ganhar!", refrão da faixa *Vivos* de Bk', com participação de Baco Exu do Blues."





*“ Pretos empoderados,
marrentos, ostentando,
vencendo ”*



“No dia primeiro de abril de 2019, eu me casei dentro da Igreja do Reino da Arte, e eu nunca tinha namorado antes. Eu ainda não tinha formalizado um pedido de namoro à minha parceira e a gente já foi direto para o casamento, que foi nessa data considerada o dia da mentira. A partir desse gesto, a data ficou marcada para mim como um momento em que eu me joga em um lugar novo. Então, no dia primeiro de abril de 2020, a fim de repetir esse processo de me atirar em outra área que não domino, eu lancei um álbum musical. Embora eu já tivesse planejado esse lançamento, só consegui começar a trabalhar no disco nas duas semanas finais de março. Por não entender nada de música, a premissa era trabalhar sozinho, pois eu queria um resultado honesto de minha relação inicial com a música. Comecei o processo visitando anotações antigas, já que essa é uma prática constante que carrego, a de escrever. Depois, comecei a elaborar as letras e fazer o *download* de alguns *beats* livres na internet, e editei no *Final Cut*, porque era um programa de edição de vídeo familiar para mim, considerando que trabalhei com filmes no passado. O álbum é meu 4º Dízimo (culto de entrega individual do artista) pela Noiva. Por ter trabalhado em um prazo de duas semanas apenas, o processo acabou sendo muito intenso, ainda mais com todos os desafios que eu não podia prever. Eu tive que ficar completamente focado nesse período, já que



na Igreja a gente tem esse compromisso de marcar a data e entregar. Isso é um dogma. A partir do momento que agendei para o dia primeiro de abril, eu já não poderia mais voltar atrás.

Se eu tivesse conseguido desenvolver apenas duas faixas, seria esse o lançamento.

A obra *anjo Maxwell* é um álbum para edificar fé de artista. Gosto dessa conotação porque é precisa quando penso que o trabalho é marcado pelo início da quarentena, onde o isolamento social trouxe ansiedade e um futuro incerto para nós. São dez faixas reunidas que o público pode acessar nas plataformas digitais. Como artista, penso que é poderoso buscar outras mídias para me manifestar, inclusive alimentar e complementar minhas outras práticas. Então, o álbum acaba sendo uma peça interessante para entender toda essa mitologia que eu venho criando. É mais uma parte do meu evangelho.”

MAXWELL ALEXANDRE: PARDO É PAPEL •
FUNDAÇÃO IBERE CAMARGO • PORTO ALEGRE
• 17/10/2020 A 14/2//2020

SANDRA VÁSQUEZ DE LA HORRA A VIAGEM IMAGINÁRIA

A obra de Sandra Vasquez de la Horra reflete seu legado sócio-cultural. A artista nasceu no Chile em 1967, uma época marcada por torturas e perseguições durante o regime de Pinochet. Não somente seu contexto familiar, mas também o legado histórico colonial e sua relação com a população indígena local compõem seu patrimônio cultural. Sandra Vásquez de la Horra estava em busca de uma forma de processar e reproduzir essa realidade tendo encontrado este caminho em sua produção artística. Ela estudou comunicação visual no Chile de 1989 a 1994. Entre 1995/1996 estudou artes plásticas com Jannis Kounellis na Academia de Arte de Düsseldorf. Em 1999 ela se mudou para a Alemanha, onde vive até hoje, complementando seus estudos de arte com Rosemarie Trockel na Academia de Arte de Düsseldorf. Em um subsequente curso de pós-graduação na faculdade de mídia em Colônia, ela aperfeiçoou-se nas áreas de fotografia, cinema e novas mídias.

Justamente Jannis Kounellis, co-fundador do movimento Arte Povera, testemunha e protagonista do desenvolvimento sócio-cultural do pós-guerra, foi um dos grande propulsores da obra de Vásquez de la Horra. Assim como ela ele também abandonou muito cedo o seu local de nascimento na



Grécia para se tornar um artista internacional. No Brasil uma das últimas atuações de Kounellis foi em 2015 na concepção do cenário da ópera Lohengrin de Wagner para o Theatro Municipal de São Paulo. Sua obra foi marcada por narrativas sócio-políticas, que representou principalmente em instalações, objetos e montagens com a utilização de elementos não convencionais como ferro, pedra e juta. Sandra assim como Jannis, abandonou cedo seu local de nascimento, o Chile. Embora tenha sido sua estudante, Sandra manteve-se fiel às suas características artísticas, que se

caracterizam por desenhos narrativos criando uma espécie de cartografia composta de seres humanos que se destacam como figuras centrais em constante processo de diálogo e transmutação com a natureza. Seus canais de percepção são abertos e amplos para sentir, perceber, assimilar e digerir novos impulsos. Seu contexto autobiográfico molda continuamente sua existência artística.

O sincretismo desempenha um grande papel em sua vida. A origem está em sua infância pautada por encontros cotidianos com a população indígena do Chile. Posteriormente ocorreu uma imersão pessoal com os deuses da religião afro-americana, parte integrante da cultura na América Latina a partir da herança dos afro-descendentes. Este percurso foi delimitado já durante a estadia da artista na Alemanha, em um contexto e cultura eurocentrista, onde estas características e a própria crença parecem ter um papel de estranhamento e abstração não compatível com a racionalidade aí vigente. Na arte contemporânea internacional poucos são os protagonistas que representam uma aproximação e reconhecimento do sincretismo de forma tão autêntica como a artista Sandra Vásquez de há Horra. Ela não esconde seu entusiasmo pelo extra-sensorial, por essa percepção improvável. Há precedentes na história da arte ou rumores de que artistas como Rodin, Piet Mondrian ou ainda Wassily Kandinsky tenham se confrontado com esta temática sendo que o próprio Kandinsky elaborou em 1911 um trabalho teórico relevante sobre o assunto com o título "Sobre o Espiritual na Arte", cuja ressonância

entooou até na escola racional do Bauhaus, onde Kandinsky era um dos professores debatendo aí sobre abordagens e experimentos com símbolos extra-sensoriais.

Sandra Vásquez de la Horra expôs recentemente na Galeria Michael Haas de Berlim onde também lançou o livro *Águas Profundas* realizado por ocasião de sua recente exposição no Museo Novecento de Florença. No Brasil ela participou em 2012 da Bienal de Arte de São Paulo.



Tereza de Arruda é historiadora de arte formada pela Universidade Livre de Berlim. Curadora da mostra Chiharu Shiota - Além da Memória, em cartaz no circuito do Centro Cultural Banco do Brasil.





DASartes.

ARTES VISUAIS EM REVISTA

Lançada em 2008, a Dasartes é a primeira revista de artes visuais do Brasil desde os anos 1990. Em 2015, passou a ser digital, disponível mensalmente para tablets e celulares no site dasartes.com.br, o portal de artes visuais mais visitado do Brasil.

Para ficar por dentro do mundo da arte, siga a Dasartes.



facebook.com/dasartes



@revistadasartes



@revistadasartes



Assine grátis nossa newsletter semanal em www.dasartes.com.br e saiba das melhores exposições e notícias do circuito das artes.